

roberto alban
galeria de arte

Rua Santa Pua 53 Ondina Cep 40170.180
Salvador Bahia Brasil 55 71 3243.3982|3326.5633
www.robertoalbangaleria.com.br

Impressão grasb fotos José Luís Silva arte pamedesign



luiz hermano | ter e ser

CAPA

2013 Cegonha 2 280 x 95 x 15cm aço inox e arame | *stainless steel and wire*

Having and Being

Ricardo Resende . Crítico de arte

“There are other urgencies, especially related to this transition moment in which we live, to this idea that things can’t, but should change.

We don’t know exactly where to go, but we know that a rupture is necessary.

The frustration we experience has to do with the impossibility of projecting the future.

The idea that consumerism and materialism don’t fulfill human desires.”¹

The quote above is by the curator of the 31st São Paulo Biennial, the Irishman Charles Esche, and refers to the current situation of the art that shouldn’t frustrate itself or be subjected to the fact that what rules us in contemporary life are consumerism and materialism. He incites us to change. We live in a world where prices are attached to things; a disenchanted world where religion, which is one of the pillars of mankind, became merchandise and doesn’t differ from a paid session of show business. In society, which has also lost its ideology, reigns the triumphant consumerism. Everything becomes goods, including human relations and art. You are what you consume and art responds to it and uses this distinction. We are to the Market what we consume and in the art world you are important for what you sell, for your influence in sales and, mainly, for what you buy.

Being and having.

The art that reflects its time doesn’t escape this current condition of merchandise, even as art that rebels against this condition and makes its self-critic seeking to differentiate itself from all this. This critical segment would also be within the “acceptable” and “negotiable” conformity of the market. There are many artists that work with these conflicting issues. But the artistic contestation became just one more style.

Art was turned into a kind of commodity, a mere product; simple merchandise. It’s not easy for the artist to face this condition for their art, because, inevitably, they have also surrendered to the market. There seem to be no way out from this insolent situation of the market.

The priced art became a financial investment option completely inserted in this logic of consume that marks the world today. But as investment it’s meant only for the few that understand this “market”. A system full of whims and tricks.

With the growing valorization of art also grew the interest of the people that crowd the museums to check out these valuable works of art, worth hundreds of millions of dollars. This change of statute would have democratized the access and altered the way the public enjoy art, which starts to be mediated by the question “How much is this painting on the museum’s wall worth?”

Thereby, there are today artists that work explicitly to become brands and attend this market that has its place in the innumeros fairs that emerge throughout the planet, imposing a crazy schedule to gallerists, demanding these professionals to travel with a frequency never seen before in the art market.

Thus, making or talking about art today seem banal if not an aggression to common sense in face of the emergencies of the contemporary society, in which consuming became the order of the day; it started to identify us, actually. In the jargon of politics, market and economy, we became simply “consumers”. We’re no longer citizens, public or people but just consumers. From the consumers of shopping malls to the consumers of culture; we’re inhabited by the merchandise. “If they make me desire to consume, let me consume”. It’s more or less what our society mindlessly chants.

In the context we live, the work of the artist Luiz Hermano wants to point at this emergency, the fact that consumerism and materialism do not fulfill our small desires or the greater needs of humanity. On the contrary, they’re responsible for the anxiety and frustrations that permeate our society. These are the issues present in the approach of his most recent sculptures.

These sculptures are more like installations that break the artistic ideal than sculpture according to the canons of art in force until a short time ago when the notion of Fine Arts prevailed.

The sculptures and installations by Luiz Hermano are very far from this ideal. The ideal of sculpture defined by Giorgio Vasari, in the book Vidas dos Artistas, edited and published for the first time in 1550, in Florence, Italy. The concepts defended by the Italian historian sought the full form (perfect and pure) in which good sculpting (for his time) would have to be composed of parts considered perfect, that is, a good sculpture

Ter e Ser

Ricardo Resende . Crítico de arte

“Há outras urgências, especialmente relacionadas a esse momento de transição que vivemos, a essa idéia de que as coisas não podem, mas devem mudar. Não sabemos exatamente para onde ir, mas sabemos que uma ruptura é necessária.

A frustração que vivemos tem a ver com a impossibilidade de projetar o futuro.

A idéia de que consumismo e materialismo não satisfazem os desejos humanos”.¹

A fala acima é do curador da 31ª Bienal de São Paulo, o irlandês Charles Esche, e refere-se à condição atual da arte que não deveria frustrar-se e nem sujeitar-se a esta certeza de que o que nos pauta na vida contemporânea são o consumismo e o materialismo. Ele nos incita a mudar. Vivemos em um mundo da precificação das coisas. Um mundo desencantado onde a religião que é um dos pilares da sustentação do homem, virou mercadoria e não se difere de uma sessão paga de um show business. Reina na sociedade, que também perdeu sua ideologia, a condição triunfante do consumismo. Tudo se torna mercadoria, inclusive as relações humanas e a arte. Você é o que você consome e a arte responde a isso e se serve desta distinção. Somos para o Mercado o que consumimos e no mundo da arte você é importante pelo que vende, pelo que influência nas vendas e, principalmente, pelo que compra.

Ser e ter.

A arte que reflete o seu tempo não escapa dessa condição hoje de mercadoria, mesmo quando como arte que se rebela contra esta condição e faz sua autocrítica buscando se diferenciar de tudo isto. Este segmento crítico também estaria dentro da conformidade “aceitável” e “negociável” pelo mercado. São muitos os artistas que trabalham com estas questões contestatórias. Mas a contestação artística virou apenas mais um estilo.

A arte transformou-se em uma espécie de commodities, um simples produto. Uma simples mercadoria. Não é fácil para o artista encarar esta condição para sua arte, pois, inevitavelmente, também se renderam ao mercado. Parece não haver saída à esta situação insolente do mercado.

A arte precificada passou a ser opção de investimento financeiro totalmente inserido nesta lógica de consumo que marca o mundo atual. Mas também como investimento é para os poucos que entendem desse “mercado”. Um sistema cheio de manhas e espertezas.

Com a crescente valorização da arte cresceu também o interesse das pessoas que enchem os museus para conferir estas obras de arte tão valiosas, na casa de centenas de milhões de dólares. Essa mudança de estatuto teria democratizado o acesso e alterado o modo de fruição do público que passa a ser mediado pelo “quanto vale este quadro na parede do museu?”.

Desse modo, existem hoje artistas que trabalham explicitamente para serem grifes e atender a este mercado que tem o seu lugar nas inúmeras feiras que brotam por todos os cantos do planeta, impondo aos galeristas uma agenda enlouquecida, exigindo um deslocamento desses profissionais jamais visto no mercado de arte.

Dessa forma, fazer ou falar de arte hoje parece uma banalidade se não uma agressão ao bom senso diante das emergências da sociedade contemporânea, em que consumir virou palavra de ordem. Passou a nos identificar, inclusive. No jargão do político, do mercado e da economia, nos tornamos apenas “consumidores”. Deixamos de ser cidadãos, povo, público ou gente para sermos apenas, os consumidores. Desde os consumidores de shoppings centers aos consumidores de cultura. Somos habitados pela mercadoria. “Se me fazem desejar consumir, me deixem consumir”. É mais ou menos isso que entoa alienadamente a nossa sociedade.

Neste contexto que vivemos o trabalho do artista Luiz Hermano quer apontar para esta emergência, de que consumismo e materialismo não satisfazem os nossos desejos pequenos e nem as necessidades maiores da humanidade. Pelo contrário, é responsável pela ansiedade e frustrações que vigoram na sociedade. São estas as questões que estão na abordagem de suas mais recentes esculturas.

São esculturas que estão mais para instalações que quebram o ideal artístico do que para uma escultura segundo os cânones da arte vigentes até a muito pouco tempo em que prevalecia a noção de Belas Artes.

As esculturas e instalações de Luiz Hermano estão muito distantes desse ideal. A da escultura definida por Giorgio Vasari, no livro Vidas dos Artistas, editado e publicado pela primeira vez em 1550, em Florença, na Itália. Os conceitos defendidos pelo historiador italiano buscavam a forma plena (perfeita e pura) em que a boa escultura (para sua época) precisaria ser composta de partes consideradas perfeitas, ou seja, a boa escultura seria aquela que é fruto de uma arte que retiraria o supérfluo do material trabalhado. Reduziria este material à forma de corpo que foi desenhado na idéia do artista. Este por sua vez, deveria ter em mente que todas as figuras, de qualquer tipo, sejam elas entalhadas no mármore, fundidas de bronze ou feitas de estuque ou madeira, precisariam ser de vulto, de tal modo que, girando-se em

*would be the one that was the result of an art that would remove the superfluous of the material worked. It would reduce this material to the shape of the body that was designed in the artist's mind. The artist for their turn should bear in mind that all figures, of any kind, either carved in marble, casted in bronze or made of stucco or wood, would need to be major, in such a way that, moving around them, it would be possible to see them from every side to be called perfect sculptures.*²

This is not the case of Luiz Hermano's sculptures that are better defined as sculptural installations that emerge from the floor and go up the wall and have nothing of perfect. The defects, the flaws of the artisan work, made by his own hands and chance, are incorporated to his sculptural pieces.

On the contrary, the classical idea of sculpture doesn't apply to Luiz Hermano. There's no search for perfection in his works that are "manual". Imperfection is an integrant part of his work with pieces that sometimes are on the floor and sometimes end up on the wall. They have an "air" of precariousness, of badly done even. The elements that compose them are industrialized materials following the standards of the ideal of minimalist sculptures. Clearly, without the rigor seen in those works made of materials taken from their seriation to acquire the full sculptural form in their isolation in the exhibition space, and without the intervention of the human hand to give them shape. The minimalist sculptures are borrowed from the industrial seriation to become unique objects when decontextualized from their purpose, their functionality.

Luiz Hermano

In Luiz Hermano's sculptures and installations what we see are industrialized materials such as capacitors, plastic toys, harrows, animal miniatures, diverse plastic materials like sponges, and the metal wires he uses to build his wired and imperfect treads. Made by hand they're grouped and tied up with wires. They're also built with weld. The result are treads that resemble the traditional cobogós (hollow walls) very much used in Brazilian modern architecture. These structures, as in the work Gato e Rato, of 2012, made in painted aluminum, add humor to the Brazilian constructive art.

There are also the Icebergs. Sculptures that are made of shaped aluminum, material of recurrent use in his work. They're cut and welded in a way to build geometrical volumes that resemble the shapes of the sculptures by the Italian artist Umberto Boccioni (1882 – 1916), that were simply called "Unique Forms of Continuity in Space". These sculptures by Luiz Hermano are inspired in Rio's landscape with its mountains and that resemble also the large masses of ice that drift in the planet's poles.

In his sculptures the small letters, the color lights, the sounds, real and imagined in the silence of his installations and, more recently, the miniature supermarket trolleys made in China. This toy or decorative object is the element used in the most recent sculptural construction.

It's not known exactly the purpose of these trolleys, whether they are toys or decorative objects. They seem to be useless objects.

When bringing these trolleys to his work in a seriated way, Luiz Hermano gives them a symbolic load when gathering them by their frames, creating shapes and organic sculptural situations that go on the wall. The artist wants to add to these vigorous articulations a critic of the situation of our contemporary society, discussed in the beginning of this text; a consumerist and individualist society, ruled by money and material goods.

The design of these supermarket trolleys became the symbol and indicator of purchase on the internet sale sites. They work as icons to mark the place where the products bought are accumulated. In a way, they represent our consumerist anxiety and the unrestrained desire to buy and buy. In the end, they became the symbol of the consumerism that rages the contemporary society. Consuming is a new way to interact in the 21st century. The shopping centers are the new agoras of the contemporary cities in countries like Brazil, China and the United States of America. The central installation that dominates the lobby of the gallery made of actual trolleys, a spine to support the exhibition, criticizes "violently" the unrestrained consumerism that rules and bewilders humanity in these cathedrals of our time.

The accumulation of these trolleys on the walls of the exhibition room reminds us of the works of artists like the French Arman (Arman Pierre Fernandez, 1928 - 2005) and the Brazilians Bispo do Rosário (1911 - 1989) and José Leonilson (1957 - 1993) that had in common in their artistic processes, collecting and grouping objects of daily life. This way, Luiz Hermano expresses his desire to reorder the world by accumulating, cataloguing and reorganizing the most diverse industrialized objects. Later, he takes this accumulated matter to his works linking, tying and filing them in his work.

tomo delas, seria possível vê-las de todos os lados para serem chamadas de esculturas perfeitas.²

Não é este o caso das esculturas de Luiz Hermano que são mais bem definidas como instalações escultóricas que saem do chão e vão para a parede e de perfeitas, não têm nada. Os defeitos, as imperfeições do trabalho artesanal, feitos com as próprias mãos e o acaso, são incorporados em suas peças escultóricas.

Pelo contrário, à idéia clássica da escultura não vale para Luiz Hermano. Não há uma busca pela perfeição em seus trabalhos que são “manuais”. A imperfeição é parte integrante de sua obra com trabalhos que ora ficam no chão ora vão parar na parede. Eles possuem um “ar” de precariedade, de mal feitos até. Os elementos que os compõem são materiais industrializados bem aos moldes do ideal das esculturas minimalistas. Claro, sem o rigor visto naqueles trabalhos feitos de materiais retirados de sua seriação para adquirirem a forma escultórica plena no seu isolamento no espaço expositivo, e sem a intervenção da mão humana para lhes dar formas. As esculturas minimalistas são emprestadas da serialização industrial para tornarem-se objetos únicos quando descontextualizados do seu fim, de sua funcionalidade.

Nas esculturas e nas instalações de Luiz Hermano o que vemos são materiais industrializados como os capacitores, brinquedos de plástico, rastelos, miniaturas de bichos, materiais plásticos diversos como esponjas, e os fios metálicos que usa para construir suas tramas aramadas e imperfeitas. Feitas à mão são agrupadas e amarradas com os fios. Também são construídas com solda. O resultado são tramas que lembram os tradicionais cobogós difundidos e bastante usados pela arquitetura moderna brasileira. Estas estruturas, como no trabalho Gato e Rato, de 2012, feito de alumínio pintado, conferem humor à arte construtiva brasileira.

Há também os Icebergs. Esculturas que são feias de perfilados de alumínio, material de uso recorrente em sua obra. São cortados e soldados de maneira a construir volumes geométricos que lembram as formas das esculturas do italiano Umberto Boccioni (1882 – 1916), que foram chamadas simplesmente de “Formas Únicas de Continuidade no Espaço”. Estas esculturas de Luiz Hermano são inspiradas na paisagem carioca com suas formações montanhosas e que lembram também as grandes massas de gelo que vagam pelos pólos do planeta.

Nas suas esculturas as letrinhas, as luzes coloridas, os sons reais e imaginados no silêncio de suas instalações e, mais recentemente, foram incorporados os carrinhos de supermercado em miniatura fabricados na China. Este brinquedo ou objeto decorativo é o elemento usado na construção escultórica mais recente.

Não se sabe bem qual a finalidade desses carrinhos, se são brinquedos ou objetos de decoração. Parecem objetos inúteis.

Ao trazer para sua obra estes carrinhos em sua forma seriada, Luiz Hermano lhes dá uma carga simbólica ao juntá-los em suas armações, criando formas e situações escultóricas orgânicas que vão para a parede. O artista quer juntar a estas articulações vigorosas uma crítica ao estágio da nossa sociedade contemporânea, comentado na introdução deste texto. Uma sociedade consumista e individualista, pautada pelo dinheiro e pelas coisas materiais.

O desenho desses carrinhos de supermercado virou símbolo e indicador de compras nos sites de vendas da internet. Funcionam como ícones para assinalar o local onde se acumula os produtos comprados. De alguma maneira representam a nossa ansiedade de consumo e o desejo desenfreado por comprar e comprar. Por fim, tornou-se símbolo do consumismo que assola a sociedade contemporânea. Consumir é uma nova forma de relacionar-se no século XXI. Os Shoppings Centers são as novas ágoras das cidades contemporâneas em países como Brasil, China e Estados Unidos da América. A instalação central que domina o saguão da galeria feita de carrinhos reais, um coluna vertebral a sustentar a exposição, faz uma crítica “violenta” ao consumo desenfreado que assola e desnorteia a humanidade dentro dessas catedrais da nossa era.

O acúmulo desses carrinhos nas paredes da sala de exposição, nos faz lembrar a obra de artistas como o francês Arman (Arman Pierre Fernandez, 1928 - 2005) e dos brasileiros Bispo do Rosário (1911 - 1989) e José Leonilson (1957 - 1993) que tinham em comum nos seus processos artísticos, recolher e agrupar objetos do cotidiano. Desta forma Luiz Hermano expressa o seu desejo de reordenar o mundo ao acumular, catalogar e reorganizar objetos industrializados os mais diversos. Depois leva esta matéria acumulada para os seus trabalhos relacionando-os, amarrando-os e arquivando-os em sua obra.

Estes materiais surgem e são organizados de maneira a nos provocar e evocar questões existenciais. Os carrinhos causam estranhamento ao serem dispostos em fila, lado a lado e amarrados artesanalmente como em uma teia assumindo formas como colunas vertebrais, o símbolo do infinito ou simplesmente agrupados como em um quadro, formando uma massa homogênea onde se confunde com o rendilhado ou o emaranhado das varinhas de metal.

Esta amarração tosca confere um aspecto artesanal à obra de Hermano. É a mesma linha que vem sendo trabalhada desde suas primeiras

These materials emerge and are organized in a way to provoke and evoke existential issues. The trolleys cause strangeness when put in line, side by side and tied up by hand as if in a web taking up shapes like spines, the symbol of infinite or simply grouped as if in a picture, forming a homogenous mass where they're confounded with the lace design or the entanglement of the metal sticks.

This rough tying gives an artisanal aspect to Hermano's work. It's the same line that has been worked since his first engravings, later continued in the drawings and that ends up in the sculptures. It's the line that acquires body. That comes to the space in the shapes sewn, tied and made of diverse materials such as wire, aluminum, iron and plastic.

With the wire Hermano creates treads that are at the same time geometrical and organic. Rigid and soft. Treads that are transformed in skeletons, vertebras, beams, cubes, squares, laces. However, it's the line that goes through everything. That outlines everything.

Hermano seems to fight the rigidity of the materials, the geometry and the organic character seen in his sculptures and objects. This combat is evident in the series of soft cubes made of aluminum. The matrix is geometrical, rigid and abstract. But when taken to the wall these articulated structures acquire a soft shape that is molded when they're hung. They acquire the shape of a cloth that hangs and moves to reach the floor in an action of gravity. They're neither paintings, nor sculptures. They would be more like installations that shape the matter. They hang from the walls. Like a cloth hung by two nails at its tips. With time they acquire a lazy and soft shape by giving way to their own weight.

The artist went to the university to study philosophy, without, however graduating. So, thinking about what he does, what results in art, his "labor" is Luiz Hermano's artistic practice. When wandering, the artist presents us with ethical and moral issues of our passage in the world. He makes us think about our daily life. Places us in face of our afflictions as a contemporary society where the ultimate values are materialism and individualism. Success is material, and failure?

No way! One cannot take up failure in a society that measures everything by what is bought, what is consumed, which is the measure of success. It's the capitalist society that believes that happiness is achieved through money, things bought and owned. Being and having.

These contemporary issues bother the artist, despite the clear calmness. Internally, he's restless and seeks to know and question, in an impulse that makes him shift from one place to the other from time to time. From one place to the other to know the differences from other cultures that end up feeding his work.

this trajectory helps us to understand the universe seen in the artist's work, a blend of information that he brings from his life in Ceará's inland and the chaotic urban life he lives in a city like São Paulo. This is his space and imaginary environment, the place where his work takes place.

The artisanal character seen in his first works remains. The structures that populate his atelier keep the same manual character, have the same doing, the same tread and the same ties made from the bush ropes and branches that shaped his traps and cages of when he lived in Ceará's inland.

From intense research and the search for new materials, Luiz Hermano presents to the public the resumption of an initial phase of his work in the drawings and sculptures. The search for a twisted geometry that bends to one side, like in Icebergs and in the tower made by supermarket trolleys. His tridimensional production is revealed as another representation possibility for his drawing. Therefore, everything that the artist produces, in his own conception, would be the drawing that left the paper. It's the line that acquired shape in space and brings the heritage of the geometrical constructivism. Hermano seems to play with the geometrical shapes when deconstructing them from their rigidity. The strong element, therefore, of his work besides the matter, are the lines that conduct the entire creation process and define this soft body in which his pieces are transformed. They leave the paper, go to the floor and the wall, filling all the space created within his work.

The fragile character to which this phase of his production is associated, the way the wire tread is built or the organization of the small toys, at the same time exhibits large dimension pieces, and expresses something delicate and without much solidity, creating a counterpoint to the roughness of the contemporary world.

Luiz Hermano doesn't present a rigid discourse about consumerism even when he deals with issues that involve a greater plastic seriousness.

gravuras, depois continuaram nos desenhos e acabam nas esculturas. É a linha que toma corpo. Que vem para o espaço nas formas tecidas, costuradas, amarradas e feitas de materiais diversos como o arame, o alumínio, o ferro e o plástico.

Com o arame Hermano cria tramas que são ao mesmo tempo geométricas e orgânicas. Rígidas e moles. Tramas que se transformam em esqueletos, vértebras, vigas, cubos, quadrados, rendilhados. No entanto é a linha que passa por tudo. Que delinea tudo.

Hermano parece travar uma luta com a rigidez dos materiais, a geometria e a organicidade vistas em suas esculturas e objetos. Este embate fica evidente na série dos cubos moles feitos de alumínio. A matriz é geométrica, rígida e abstrata. Mas ao levar para a parede estas estruturas articuladas adquirem uma forma mole, que se molda ao serem dependuradas. Adquire a forma de um tecido que pende e se movimenta para chegar ao chão em uma ação da força da gravidade. Não são nem pinturas, nem esculturas. Estariam mais para instalações que dão forma à matéria. Ficam pendentes nas paredes. Como um tecido dependurado por dois pregos nas suas pontas. Com o tempo adquire uma forma preguiçosa e mole ao ceder para o próprio peso.

O artista ingressou na universidade para cursar filosofia sem, no entanto, terminá-la. Então, pensar no que faz no que resulta como arte o seu trabalho "laboral", é a prática artística de Luiz Hermano. Ao divagar no pensamento o artista nos coloca questões éticas e morais da nossa passagem pelo mundo. Faz-nos pensar no nosso dia a dia. Joga-nos diante de nossas aflições como sociedade contemporânea onde os valores máximos hoje passam a ser os materiais e o individualismo. O sucesso é material, e o fracasso?

Nem pensar! Não se pode assumir o fracasso em uma sociedade na atualidade que mede tudo pelo que se compra pelo que se consome, que é a medida do sucesso. É a sociedade capitalista que acredita que a felicidade é conseguida através do dinheiro, do que se compra e do que se possui. Ser e ter.

Estas questões contemporâneas incomodam o artista, apesar da transparente calma. Sua figura internamente é inquieta e busca conhecer e questionar em um ímpeto que o leva de tempos em tempos a deslocar-se pelo mundo. De um lugar para outro para conhecer as diferenças de outras culturas que acabam por alimentar sua obra.

Informar esta trajetória nos ajuda a compreender o universo visto na obra do artista, uma mescla de informações que traz da vida no interior do estado do Ceará e da vida urbana caótica que leva em uma cidade como São Paulo. Este é o seu espaço e ambiente imaginário, o lugar onde se dá sua obra.

A artesanalidade que é vista nos trabalhos do início, permanece. As estruturas que povoam o seu ateliê guardam a mesma manualidade, têm a mesma feitura, a mesma trama e as mesmas amarras feitas dos cipós e dos galhos que davam forma nas suas armadilhas e gaiolas de quando morava no interior do Ceará.

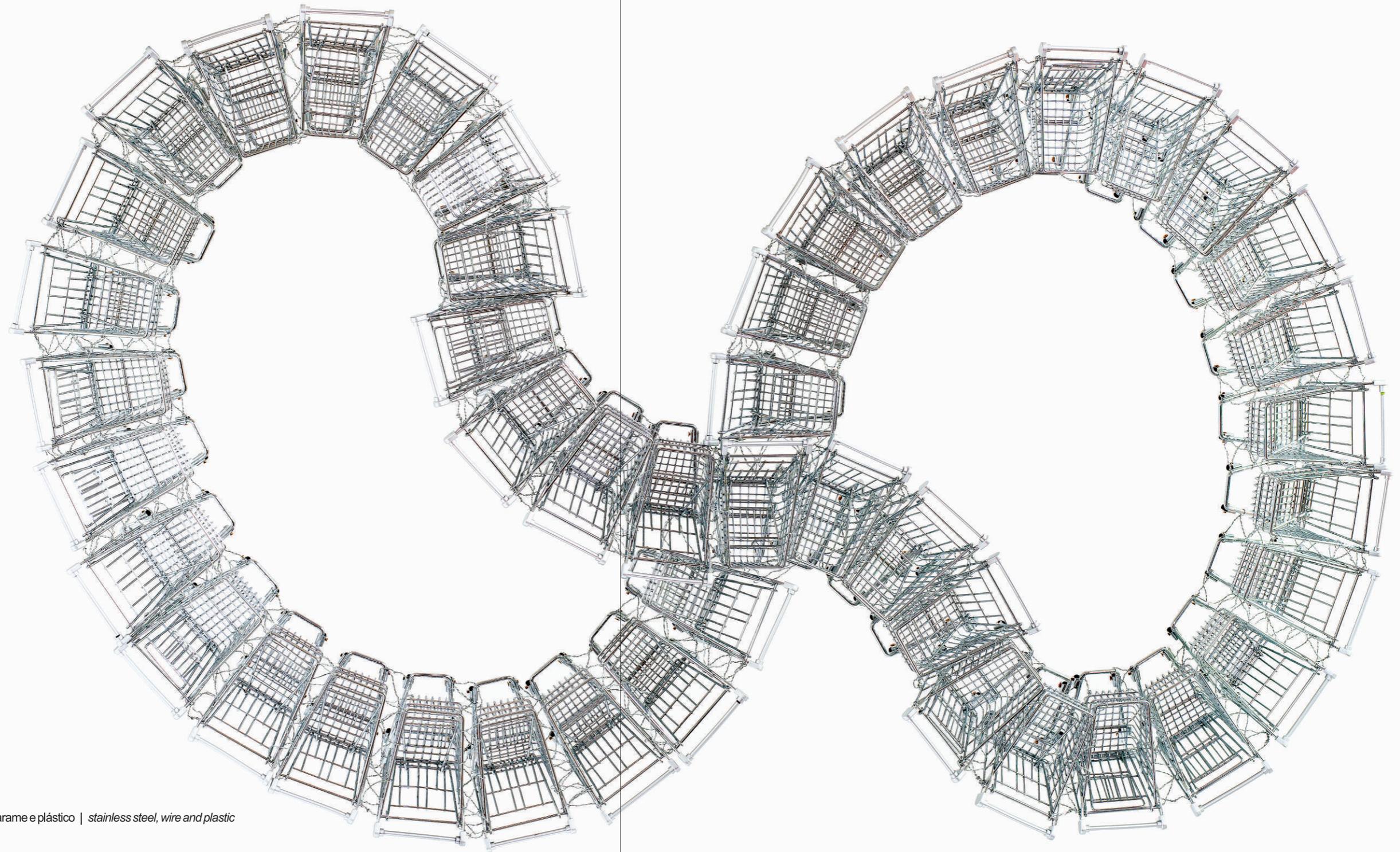
A partir de intensa pesquisa e busca por novos materiais, Luiz Hermano apresenta ao público a retomada de uma fase inicial de seu trabalho nos desenhos e esculturas. A busca de uma geometria torta que pende para um lado, como nos Icebergs e na torre feita de carrinhos de supermercado. Sua produção tridimensional revela-se como outra possibilidade de representação de seu desenho. Logo, tudo que o artista produz, em sua própria concepção, seria o desenho que saiu do papel. É a linha que ganhou forma no espaço e traz as heranças do construtivismo geométrico. Hermano parece brincar com as formas geométricas ao querer desconstruí-las da sua rigidez. O elemento forte, portanto, do seu trabalho além da matéria, são as linhas que conduzem todo o processo de criação e definem este corpo mole que se transformam suas peças. Saem do papel, vão para o chão e para a parede, preenchendo todo o espaço criado dentro de sua obra.

O caráter frágil sob o qual esta fase de sua produção está associada, a forma como é construída a trama de fios ou a organização dos pequenos brinquedos, ao mesmo tempo em que exhibe peças em grandes proporções, também é expresso algo delicado e sem muita solidez, criando um contraponto à dureza do mundo contemporâneo.

Luiz Hermano não se apresenta com um discurso rígido sobre o consumismo mesmo quando trata de questões que envolvem maior seriedade plástica.

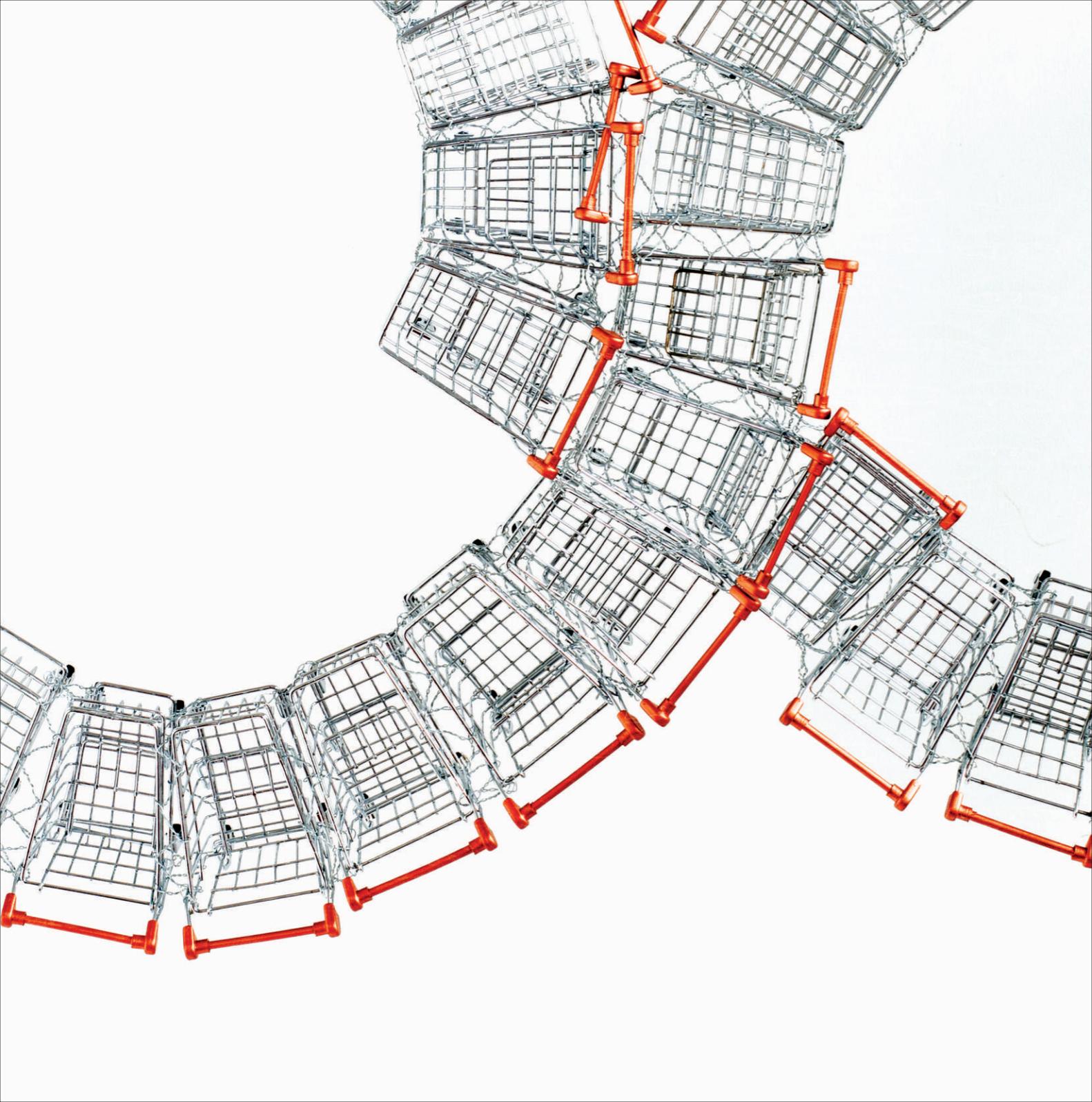
1. Abos, Marcia. Charles Esche fala sobre a 31ª Bienal de SP. Globo.com. Cultura. 22/12/13.

2. Vasari, Giorgio. Vidas dos Artistas. Edição de Lorenzo Torrentino, Florença, 1550. Organização de Luciano Bellosi e Aldo Rossi. Apresentação de Giovanni Previtali. Tradução de Ivone Castilho Bennedetti. WMF Martins Fontes, São Paulo 2011. Pag. 32.

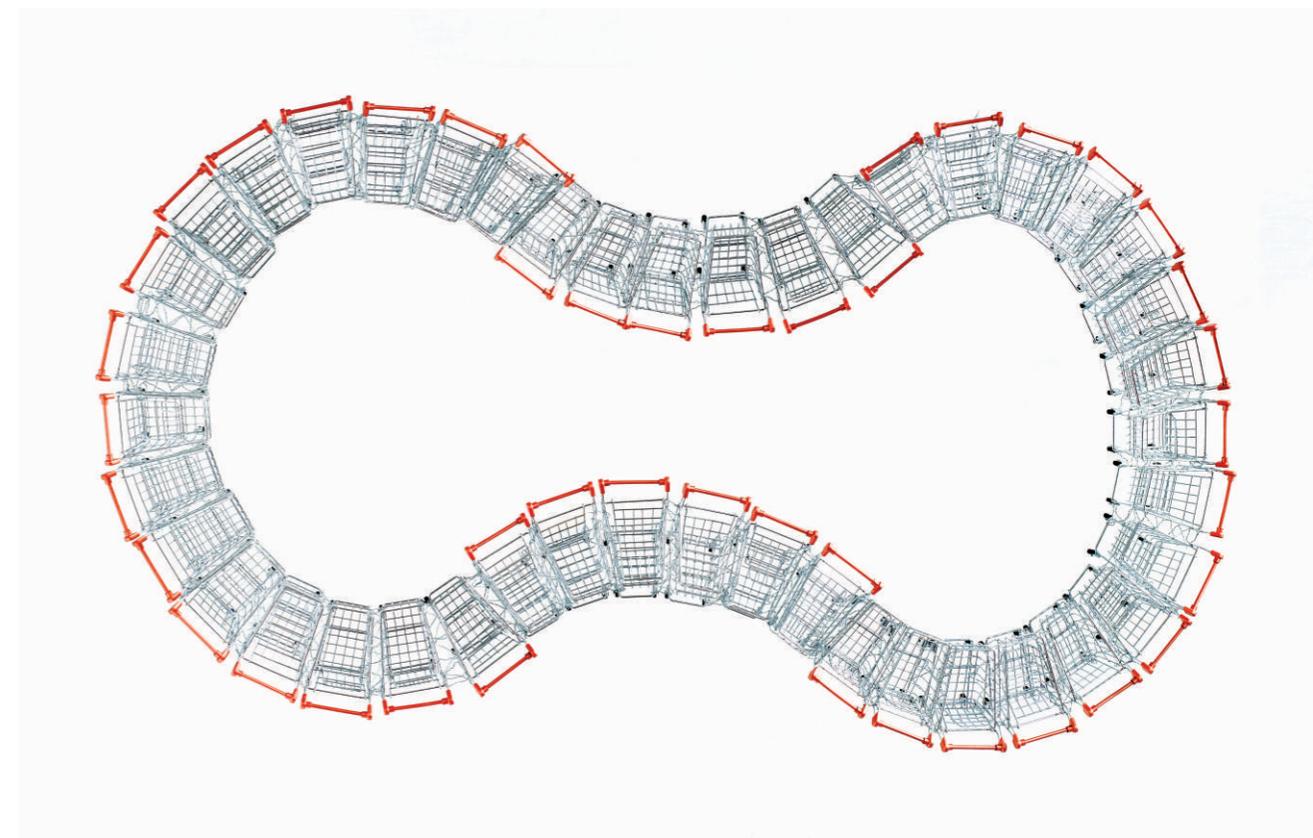


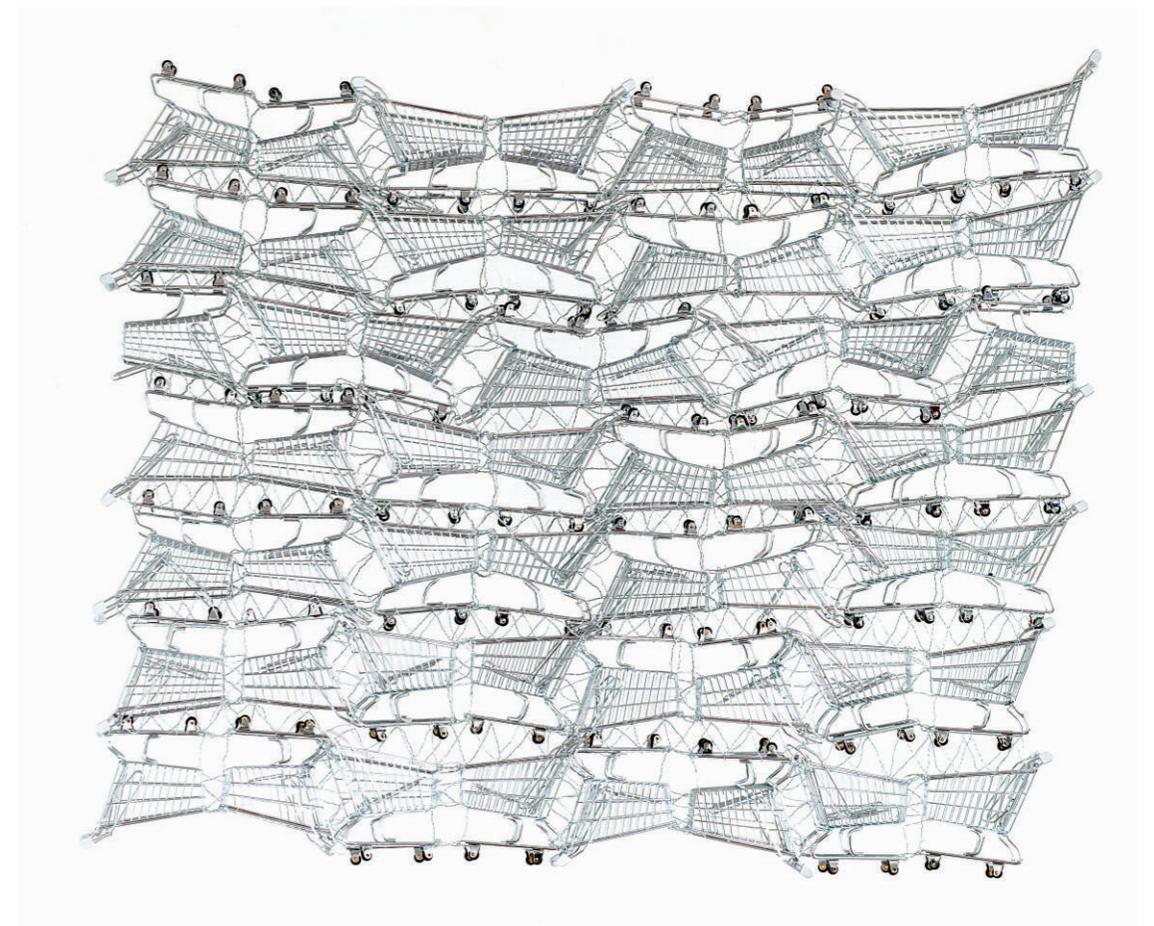
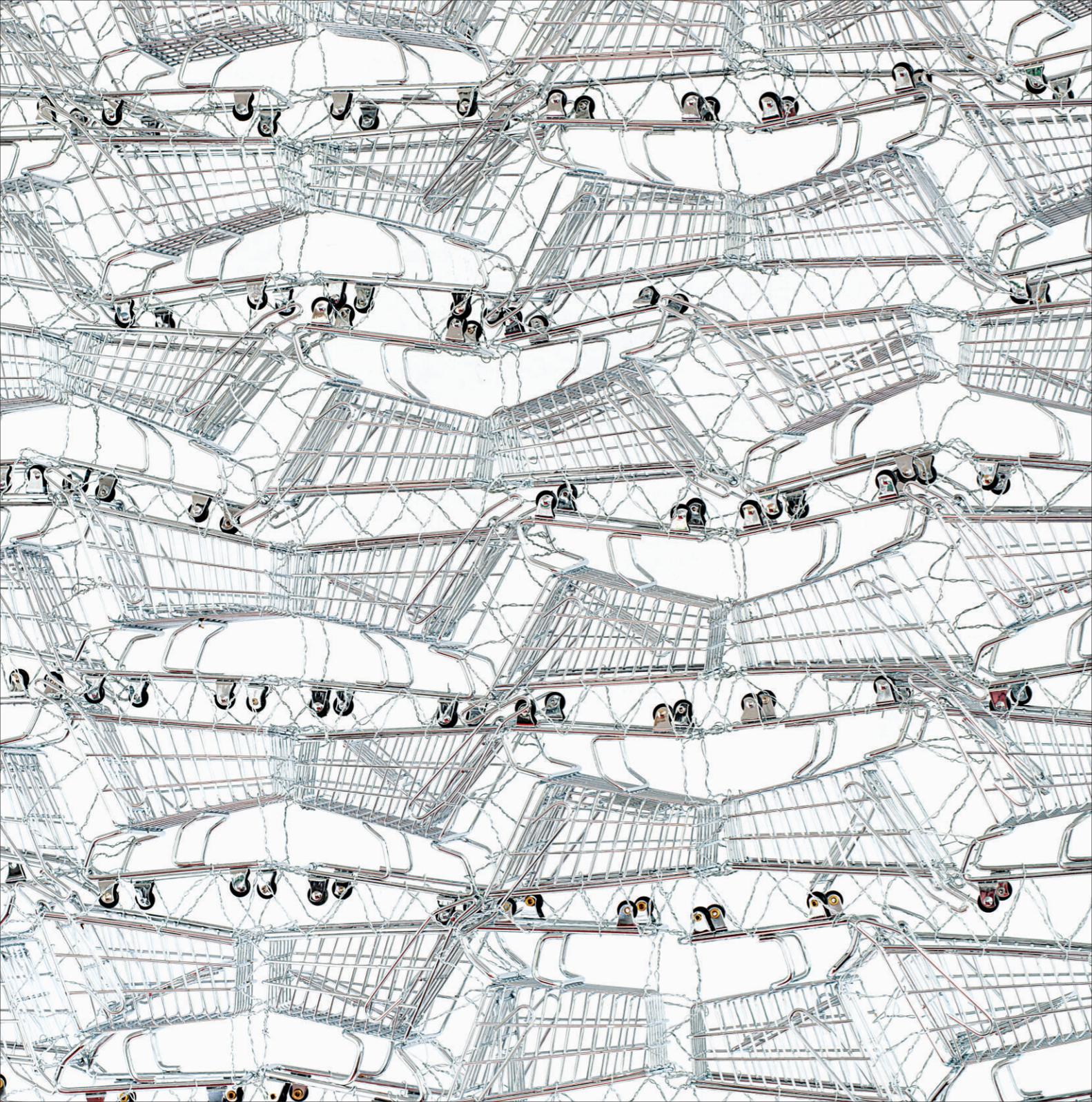
2014 Infinito 80x160x15cm aço inox, arame e plástico | *stainless steel, wire and plastic*

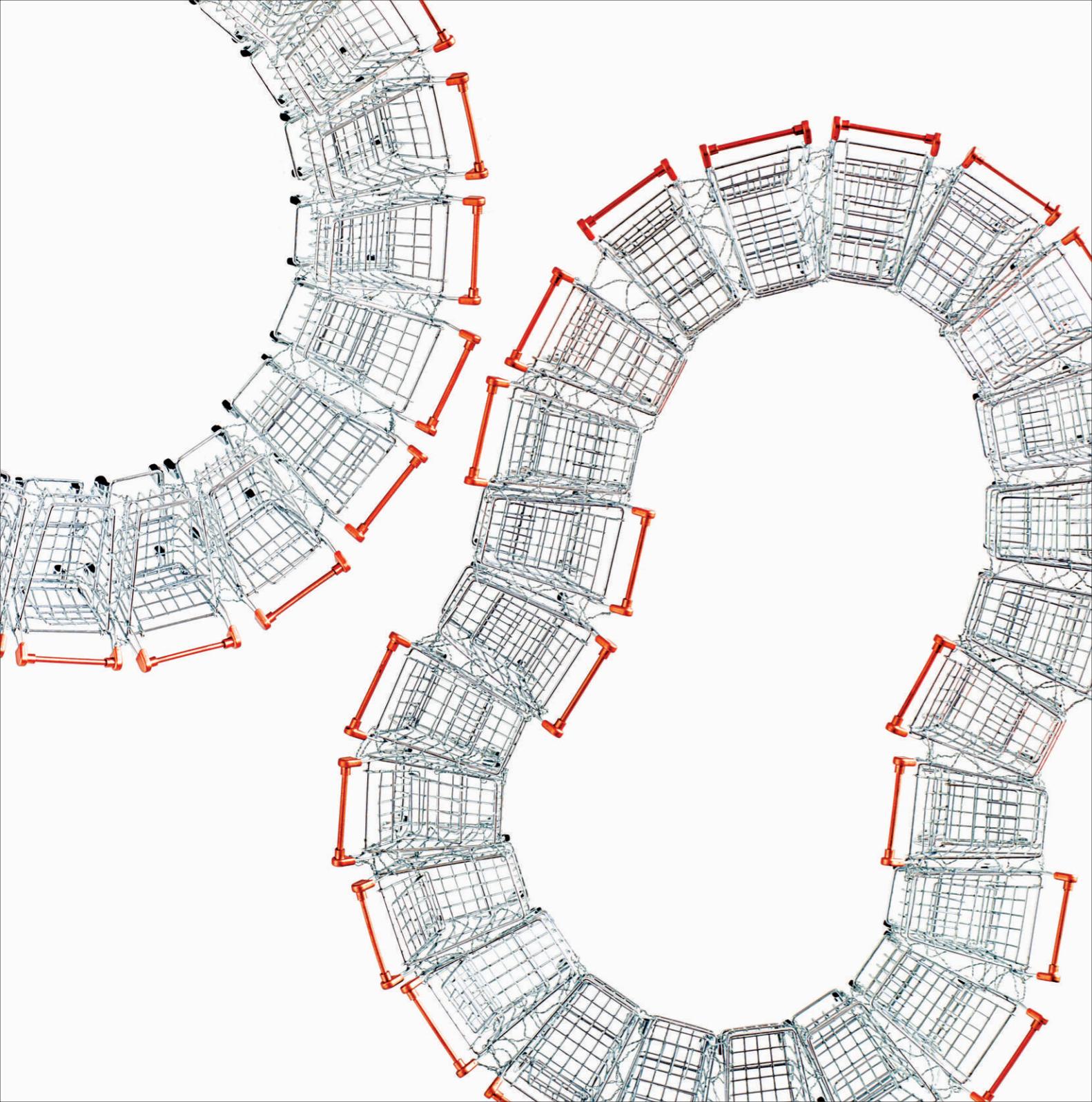




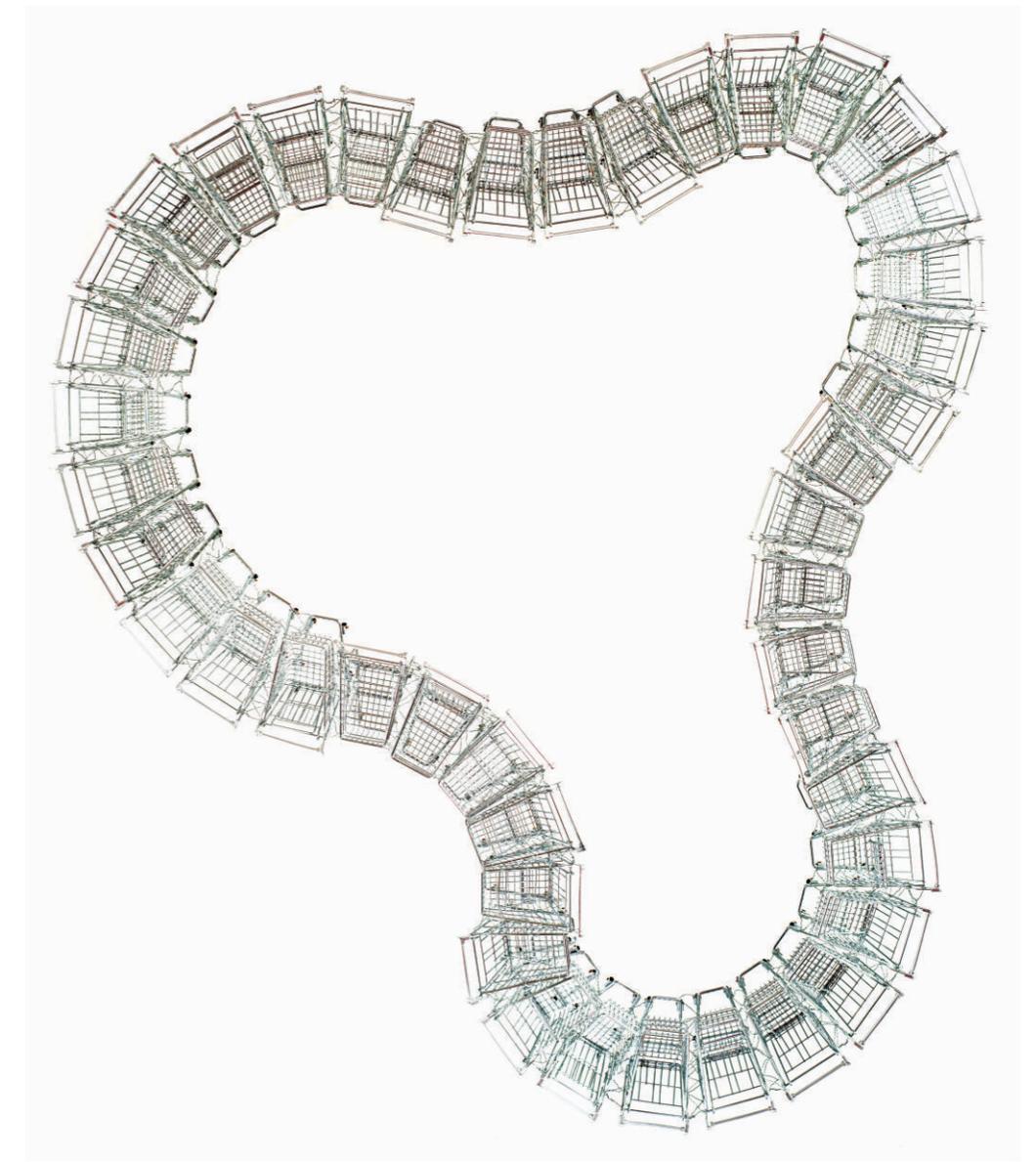
2014 Retorno 260 x 120 x 15cm aço inox, arame e plástico | *stainless steel, wire and plastic*
2013 Feijão 70 x 130 x 10cm aço inox, arame e plástico | *stainless steel, wire and plastic*

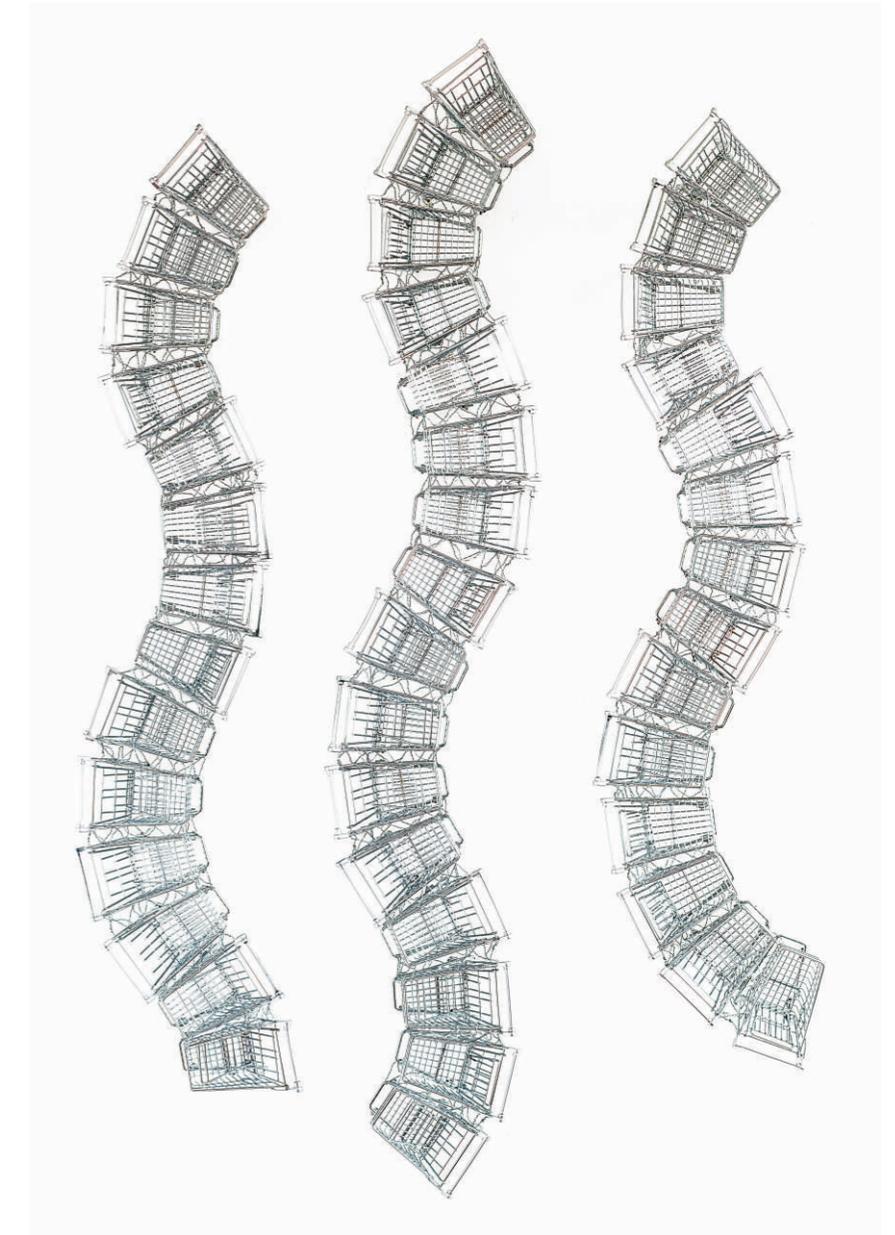


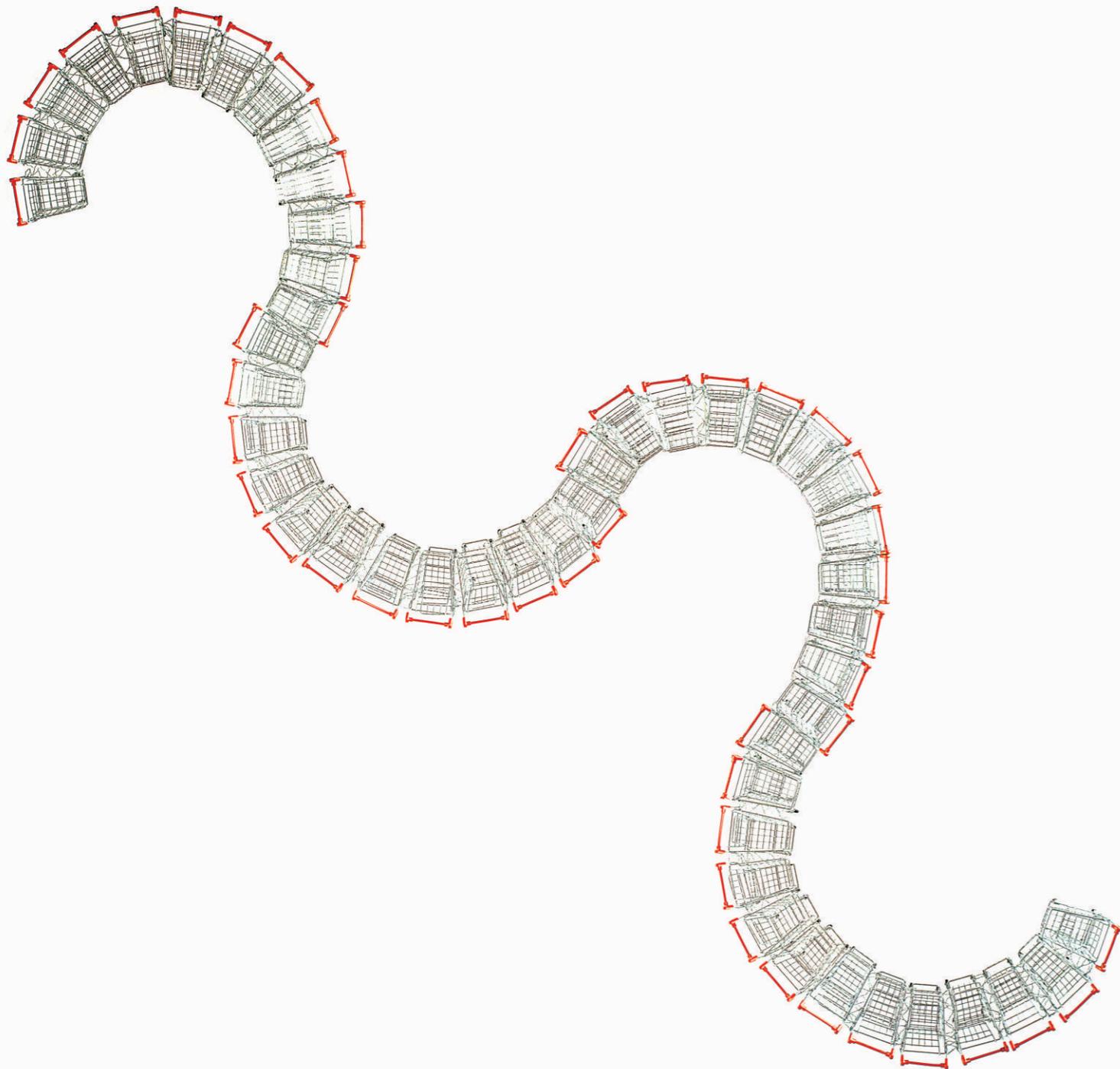




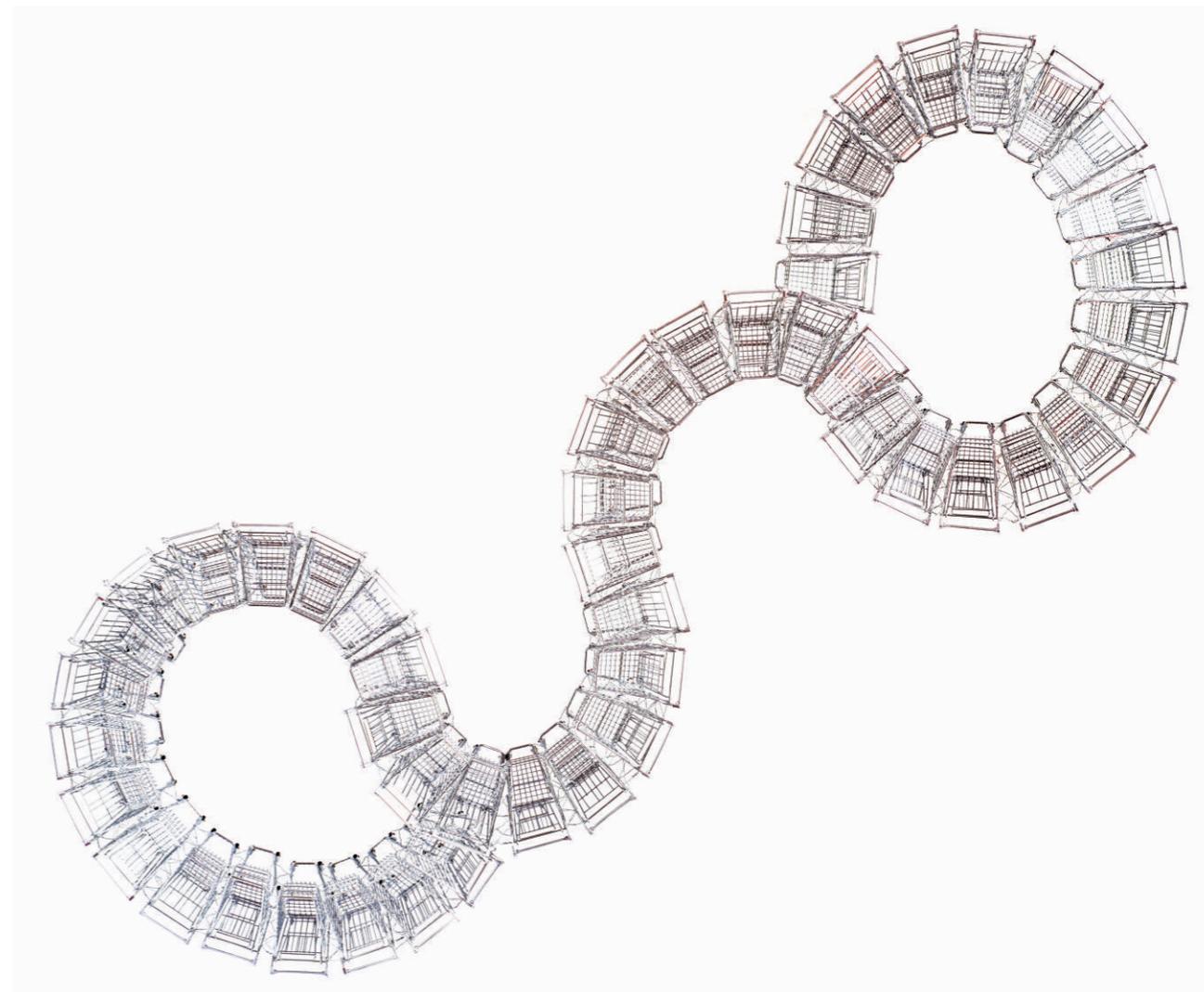
2013 Anel 65 x 65 x 15cm aço inox, arame e plástico | *stainless steel, wire and plastic*
2013 Estádio 80 x 60 x 15cm aço inox, arame e plástico | *stainless steel, wire and plastic*
2013 Ameba 140 x 130 x 15cm aço inox, arame e plástico | *stainless steel, wire and plastic*

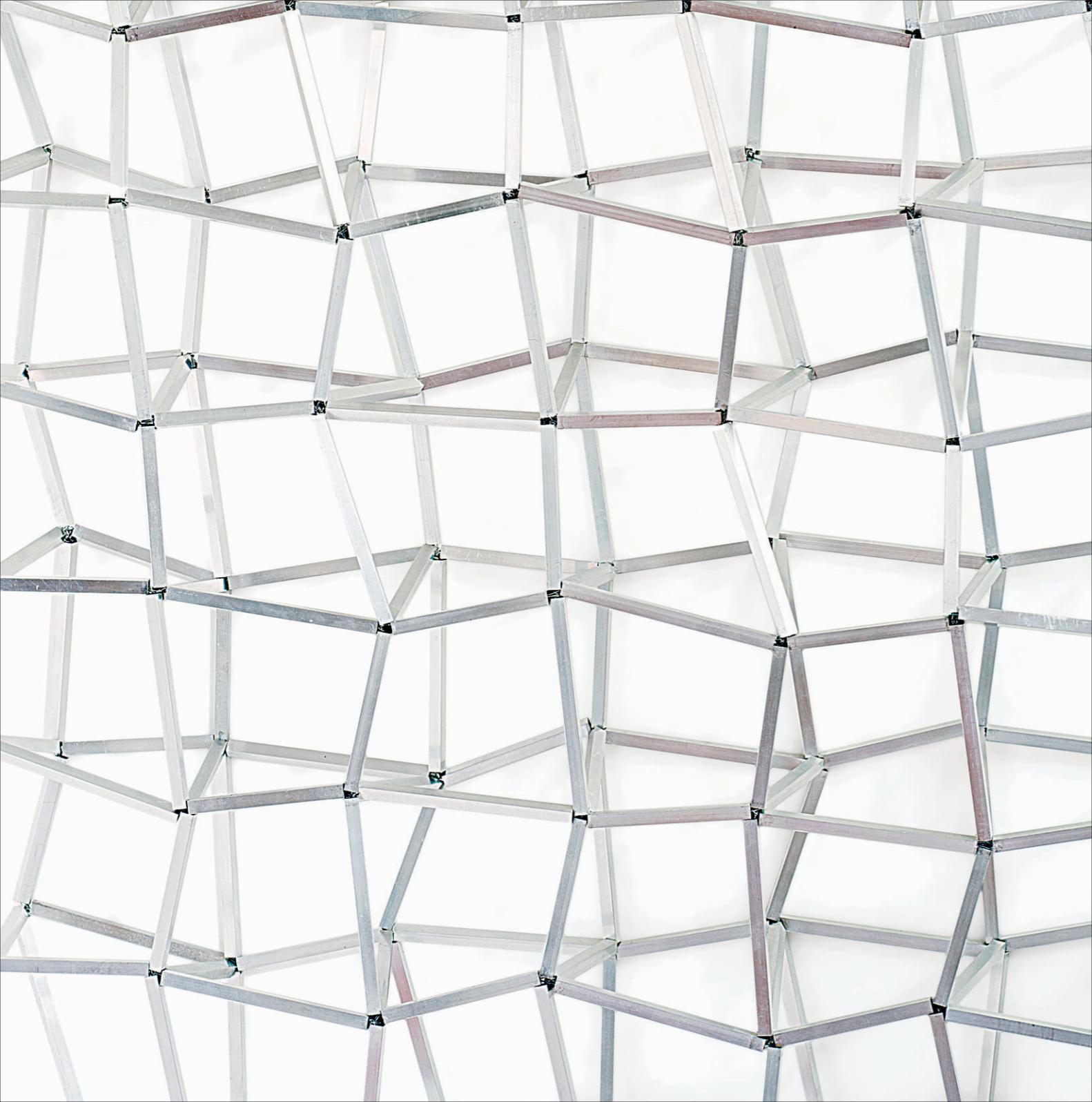






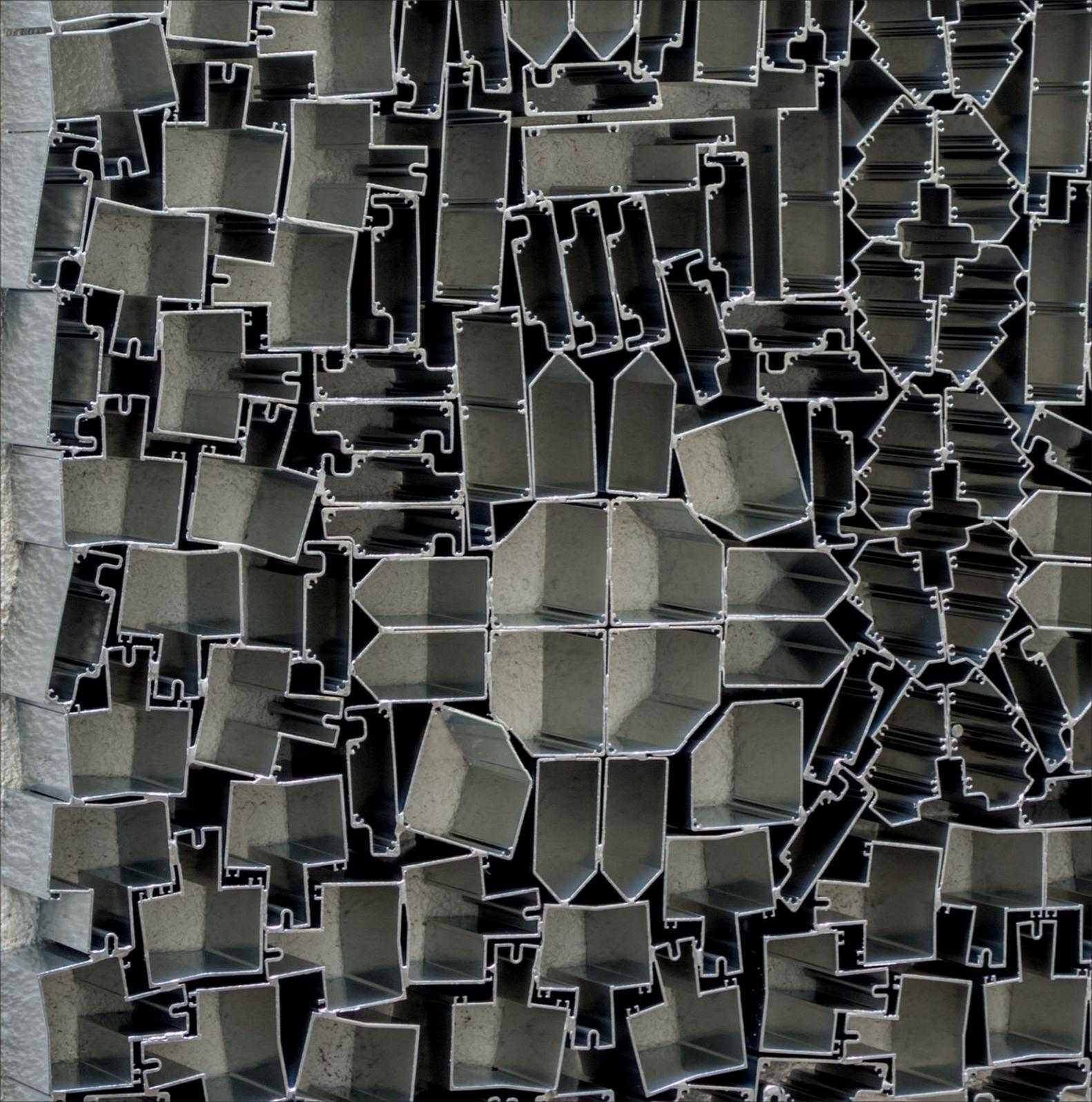
2014 Cobra 230 x 40 x 12cm aço inox, arame e plástico | stainless steel, wire and plastic
2013 Aro 180 x 170 x 15cm aço inox e arame | aluminum and wire





2014 Cubo irregular 160 x 115 x 20cm alumínio e arame | *aluminum and wire*
2014 Recôncavo 180 x 180 x 20cm alumínio e arame | *aluminum and wire*





2013 Ciudadela 120 x 130 x 10cm aluminio soldado | *welded aluminum*
2013 Iceberg 140 x 110 x 50cm aluminio pintado | *painted aluminum*



LUIZ HERMANO . Bio

Luiz Hermano Façanha Farias, nasceu em 1954, em Preaoca, município de Cascavel, Ceará. Na infância, costumava construir armadilhas para caçar préas e armava circos e teatros embaixo do cajueiro. Colecionava revistas em quadrinhos, fascículos de enciclopédias, almanaques e selos. No início dos anos 1970, estuda filosofia em Fortaleza e, desde sempre desenha. No início, sem acesso a tintas profissionais, pintava com café. Era preciso viajar para conhecer, percorrer trajetos para desenhar as linhas. E assim, começou a desenhar o mundo. Em 1979, freqüenta aulas de gravura na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro. No mesmo ano, transfere-se para São Paulo e a convite de Pietro Maria Bardi, realiza a mostra Desenhos, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Em 1980 edita o álbum de gravuras intitulado O Universo. Em 1984, ao receber o Prêmio Chandon; viaja para Paris, onde realiza exposição Individual na Galeria Debret. Em 1983, participa da 5ª Bienal Internacional de Seul, e da 2ª Bienal Pan-Americana de Havana, em 1986. Na década de 1980, dedica-se, sobretudo, à pintura. Nos anos 90, desenvolve obras tridimensionais utilizando materiais diversos, como cabaças naturais, fios de cobre, arame, capacitores eletrônicos, ligas de bronze, alumínio, peças de acrílico e vários tipos de peças industrializadas, deslocadas do cotidiano. Em 1987 expõe pinturas na 19ª Bienal Internacional de São Paulo e esculturas na 21ª edição do evento, em 1991. Apresenta em 1994, a mostra Esculturas para Vestir, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Em 2005, participa da exposição Discover Brazil, no Ludwig Museum, Koblenz, Alemanha. Em 2008, realiza a exposição Templo do Corpo, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, sendo nesta ocasião publicado o livro: Luiz Hermano.

A monumentalidade na obra de Luiz Hermano, se apresenta em diversos espaços públicos. Em São Paulo, nos jardins do Museu de Arte Contemporânea da USP, Cidade Universitária; no metrô Estação República, nos jardins do Museu de Arte Moderna de São Paulo e em Recife, Pernambuco a obra Mandacaru, medindo 7m, encontra-se exposta no Museu Cais do Sertão. Luiz Hermano, exercita constantemente o desenho.

O artista divide seu tempo entre o atelier e o mundo, como escreve Katia Canton: As viagens são formas de reivindicar territórios, consagrando ao artista um reservatório cada vez mais denso de experiências de mundo. Paisagens, templos, histórias de gente e de coisas vistas no caminho, tudo se acumula na espessura de um novo trabalho.

LUIZ HERMANO . Bio

Luiz Hermano Façanha Farias was born in 1954, in Preaoca, city of Cascavel, Ceará. In his childhood, he used to build traps to hunt Brazilian guinea pigs and to assemble circus and theaters under the cashew tree. He collected comics, encyclopedias, almanacs and stamps. In the beginning of the 1970s, he studies philosophy and has, since always, drawn. When he started, without access to professional paint, he painted with coffee. It was necessary to travel to acquire knowledge, go through routes to draw the lines. And thus, he started to draw the world. In 1979, Hermano attends engraving classes at the Visual Arts School of Parque Lage, in Rio de Janeiro. In the same year, he moves to São Paulo and by invitation of Pietro Maria Bardi, holds the exhibit Desenhos, at Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. In 1980, he edits the engraving album called O Universo. In 1984, after receiving the Chandon Award, he travels to Paris, where he holds a solo exhibit at Debret Gallery. In 1983, he participates in the 5th Seul International Biennial, and in the 2nd Havana Pan-American Biennial, in 1986. In the 1980s, he dedicated himself, most of all, to painting. In the 1990s, he develops tridimensional works using a variety of materials, such as natural calabashes, copper wires, wires, electronic capacitors, bronze alloys, aluminum, acrylic pieces and various kinds of industrialized pieces, displaced from their usual purposes. In 1987, he exhibits paintings at the 19th São Paulo International Biennial and sculptures in the 21st edition of the event, in 1991. Hermano presents, in 1994, the exhibit Esculturas para Vestir at the São Paulo Museum of Modern Art. In 2005, he participates in the exhibit Discover Brazil, at Ludwig Museum, Koblenz, Germany. In 2008, he holds the exhibit Templo do Corpo, at Pinacoteca do Estado de São Paulo; in the occasion the book Luiz Hermano was published.

The monumentality in Luiz Hermano's work is presented in diverse public spaces. In São Paulo, in the gardens of USP's Museum of Contemporary Art; at the subway station República, in the gardens of São Paulo Museum of Modern Art and in Recife, Pernambuco, the piece Mandacaru, measuring 7 meters, is in exhibition at Cais do Sertão Museum. Luiz Hermano constantly exercises drawing. The artist divides his time between the atelier and the world, as Katia Canton writes: The trips are ways of claiming territories, providing the artist with a more and more dense reservoir of world experiences. Landscapes, temples, stories of people and things seen on the way, everything is layered in the thickness of a new work.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS | *SOLO EXHIBITIONS*

2014 . TER E SER . Roberto Alban Galeria de Arte, Salvador, BA

2013 . PERFIS . Luciana Caravello Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, RJ

2012 . TRAMANDO MUNDOS . Fundação Edson Queiroz, Fortaleza, CE e Galeria Amparo 60, Recife, PE

2010 . REDE CONCRETA:TRAMA ORGÂNICA . Galeria Arte em Dobro, Rio de Janeiro, RJ

2010 . RIO DE CONTAS . Galeria Nara Roesler, São Paulo, SP

2009 . EXTINTO . Amparo 60 Galeria, Recife, PE

2009 . FALSO BRILHANTE . Galeria Referência, Brasília, DF

2008 . TEMPLO DO CORPO . Pinacoteca do Estado, São Paulo

2005 . INDMDUAL . Galeria Nara Roesler, São Paulo

2003 . LUDENS . Galeria Nara Roesler, São Paulo

2002 . INDMDUAL . Adriana Schmidt Gallery, Stuttgart, Alemanha

2001 . INDMDUAL . Embaixada do Brasil, Berlim, Alemanha

2001 . INDMDUAL . Paço das Artes, São Paulo

2000 . INDMDUAL . Galeria Referência, Brasília, DF

2000 . ESCULTURA CONTEMPORÂNEA . Museu de Arte Moderna de São Paulo

2000 . INDMDUAL . Valu Ória Galeria de Arte, Belo Horizonte, MG

1999 . INDMDUAL . Galeria Referência, Brasília, DF

1999 . INDMDUAL . Ária Galeria, Recife, PE

1999 . INDMDUAL . Kolams Galeria de Arte, Belo Horizonte, MG

1998 . INDMDUAL . Centro Cultural, Palácio da Abolição, Fortaleza, CE

1997 . INDMDUAL . Valu Ória Galeria de Arte, São Paulo

1996 . INDMDUAL . Mosteiro Zen Budista, Morro da Vargem e UFES, Vitória, ES

1995 . GRAVURAS, PINTURAS E OBJETOS . Fundação Cultural Cassiano Ricardo, São José dos Campos, SP

1995 . INDMDUAL . Joel Edelstein Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, RJ

1995 . LUIZ HERMANO: OBJETOS . Marina Potrich Galeria de Arte, Goiânia, GO

1994 . ESCULTURAS PARA VESTIR . Museu de Arte Moderna de São Paulo

1993 . OBJETOS E GRAVURAS . Epiphanienkirche, Charlottenburg, Berlim, Alemanha

1992 . PINTURAS, OBJETOS E GRAVURAS . Galeria Montesanti-Roesler, São Paulo

1991 . ARTE NO METRÔ: GRAVURAS . Estação Santa Cecília, São Paulo

1990 . IMAGEM OBJETO . Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

1989 . PROJETOS PARA DIAS DE CHUVA . Galeria Fogo Paulista; Museu da Gravura Cidade de Curitiba, PR

1987 . ASTRONAVE: PINTURAS . The Brazilian American Cultural Institute, Washington, USA

1987 . ASTRONAVE: PINTURAS . Art Studio, Nova York, USA

1987 . AEROPLANOS: PINTURAS . Arte Galeria, Fortaleza, CE

1987 . AERONAVES: PINTURAS . Galeria Montesanti, São Paulo e Rio de Janeiro, RJ

1986 . BÉLICO: PINTURAS . Unidade Dois Galeria de Arte, São Paulo

1985 . CRIANÇA: PINTURAS . Paço das Artes, São Paulo

1984 . INDMDUAL . Paço das Artes, São Paulo

1984 . GRAVURAS E PINTURAS . Galeria Debret, Paris, França

1984 . PINTURAS . Arte Galeria, Fortaleza, CE

1983 . INDMDUAL . Museu de Arte e Cultura Popular, Cuiabá, MT

1983 . GRAVURAS E PINTURAS . Fundação Cultural, Brasília, DF

1982 . GRAVURAS . Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

1982 . INDMDUAL . Casa da Gravura, Curitiba, PR

1982 . INDMDUAL . Galeria ELF, Belém, PA

1981 . GRAVURAS . Masp, São Paulo

1979 . DESENHOS . Masp, São Paulo

1978 . INDMDUAL . Galeria Credimus, Fortaleza, CE

EXPOSIÇÕES COLETIVAS | *GROUP EXHIBITIONS*

2014 . PLAY, Museo Bispo do Rosário . Rio de Janeiro, RJ

2013 . APROXIMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS . Roberto Alban Galeria, Salvador, BA

2013 . COTIDIANO NA ARTE . Torre Santander, São Paulo

2013 . PERCURSOS . Museu de Sorocaba MAC, São Paulo

2013 . XVII UNIFOR PLÁSTICA . Espaço Cultural Universidade de Fortaleza, CE

2011 . COLEÇÃO BANCO ITALÚ . Paço Imperial, Rio de Janeiro, RJ

2011 . NOVA ESCULTURA BRASILEIRA . Caixa Cultural Rio,Rio de Janeiro, RJ

2011 . PROPOSIÇÃO . Galeria Luciana Caravello, Rio de Janeiro, RJ

2010 . PURAS MISTURAS . Pavilhão das Culturas Brasileiras, São Paulo

2009 . BIENAL DO VENTO SUL . Curitiba, PR

2009 . ERA UMA VEZ... . Arte Conta Histórias do Mundo,CCBB, São Paulo

2008 . POÉTICAS DA NATUREZA . Museu de Arte C ontemporânea da USP

2008 . ARTE PELA AMAZÔNIA . Museu de Arte Contemporânea da USP

2007 . 80/90 MODERNOS E PÓS MODERNOS . Instituto Tomie Ohtake, São Paulo

2006 . VOLPI E AS HERANÇAS CONTEMPORÂNEAS . Museu de Arte Contemporânea da USP

2005 . MACO: MÉXICO ARTE CONTEMPORÂNEA . Cidade do México

2005 . 5º EDIÇÃO BIENAL DO BARRO . Memorial da América Latina, São Paulo

2005 . DISCOVER BRAZIL . Ludwig Museum, Koblenz, Alemanha

2004 . A PINTURA REENCARNADA . Paço das Artes, São Paulo

2004 . FAXINAL DAS ARTES . Curitiba, PR

2004 . O ORGÂNICO EM COLAPSO . Valu Ória Galeria de Arte, São Paulo

2002 . FAXINAL DAS ARTES . Curitiba, PR

2002 . O ORGÂNICO EM COLAPSO . Valu Ória Galeria de Arte, São Paulo

2002 . THE THREAD UNRAVELLED . Malba, Buenos Aires ,Argentina

2001 . O FIO DA TRAMA . Museo del Barrio, Nova York, USA

2001 . I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESCULTURA DO BRASIL . Brusque, SC

2001 . CAMINHOS DA FORMA . Sesi-Museu de Arte Contemporânea da USP

2000 . FINAL DO MILÊNIO: OS ANOS 90 NO ACERVO MAM . Museu de Arte Moderna de São Paulo

2000 . OBRA NOVA . Museu de Arte Contemporânea da USP

1998 . SALÃO NACIONAL . Rio de Janeiro, RJ

1998 . LEÕES E DRAGÕES . Centro Dragão do Mar, Fortaleza, CE

1997 . United Artists III . Luz. Casa das Rosas, São Paulo
1997 . 15 ARTISTAS BRASILEIROS . Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, RJ
1996 . 15 ARTISTAS BRASILEIROS . Museu de Arte Moderna de São Paulo
1996 . VIVA BRASIL . MAC Santiago, Chile
1993 . I BIENAL DE SÃO PAULO: PRÊMIO GUNTHER . São Paulo
1994 . CADERNOS DE ARTISTA. Livraria Belas Artes, São Paulo e Fundação Cultural de Curitiba, PR
1992 . GRAVADORES DO SÉCULO XX . Biblioteca Nacional de Paris, França
1992 . ARTE BRASILEIRA . Fundação Moreira Salles, Poços de Caldas, MG
1992 . DE BONNARD A BAZELITZ: MESTRES DA GRAVURA DO SÉCULO XX. Biblioteca Nacional de Paris, França
1992 . A SEDUÇÃO DOS VOLUMES: OS TRIDIMENSIONAIS DO MAC . Museu de Arte Contemporânea da USP
1992 . ARTE BRASILEIRA NA COLEÇÃO ANOS 70, 80, 90 . Museu de Arte Contemporânea da USP
1991 . XXI BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO . Fundação Bienal de São Paulo
1991 . PINTURAS E OBJETOS . WORKSHOP BRASIL ALEMANHA (mostra itinerante)
1990 . PANORAMA DA ARTE ATUAL BRASILEIRA SOBRE PAPEL . Museu de Arte Moderna de São Paulo
1990 . OBJETOS. Galeria Casa Triângulo, São Paulo
1990 . GENTE DE FIBRA: ESCULTURAS. Sesc Pompéia, São Paulo
1990 . ARMADILHAS INDÍGENAS: ESCULTURAS. Masp, SP; Funarte, RJ e Museu de Arte, Brasília, DF
1990 . II BIENAL DE GRAVURA DE AMADORA . Portugal
1990 . NOVE ARTISTAS . Adriana Penteado Arte Contemporânea, São Paulo
1989 . ARTISTAS: PINTURAS . Museu de Arte de São Paulo
1987 . XIX BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO . Fundação Bienal de São Paulo
1986 . II BIENAL PANAMERICANA DE HAVANA . Havana, Cuba
1986 . SELEÇÃO DE ARTE JOVEM: HELENA RUBINSTEIN . Masp
1985 . UNIDADE 2 GALERIA DE ARTE . São Paulo
1984 . PANORAMA DE ARTE ATUAL BRASILEIRA . Museu de Arte Moderna de São Paulo
1984 . VI MOSTRA DE GRAVURA . Casa da Gravura Solar do Barão, Curitiba, PR
1984 . I BIENAL LATINO AMERICANA DE GRAVURA . Curitiba, PR
1984 . SALÃO NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA. Rio de Janeiro, RJ
1984 . XII SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA . Paço Municipal, Santo André, SP
1984 . PRÊMIO CHANDON DE ARTE E VINHO . São Paulo
1983 . V BIENAL INTERNACIONAL DE SEOUL . Coréia do Sul
1982 . V SALÃO NACIONAL . Funarte, Rio de Janeiro, RJ
1982 . IV MOSTRA DE DESENHO BRASILEIRO . Curitiba, PR
1982 . V MOSTRA ANUAL DE GRAVURA . Casa da Gravura, Solar do Barão, Curitiba, PR
1982 . COLETIVA DE GRAVURA . Lisboa, Portugal; Madri, Espanha e Paris, França

1981 . IV SALÃO NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS . Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, RJ
1981 . IV BIENAL INTERNACIONAL DE SEOUL . Coréia do Sul
1981 . III MOSTRA DE DESENHO BRASILEIRO . Curitiba, PR
1981 . 38º. SALÃO PARANAENSE . Teatro Guaíra, Curitiba, PR
1981 . IV MOSTRA ANUAL DA DE GRAVURA . Casa da Gravura Solar do Barão, Curitiba, PR
1981 . V BIENAL DEL GRABADO . San Juan, Porto Rico
1981 . XIV SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA . Casa das Artes Plásticas Miguel Dutra, Piracicaba, SP
1980 . I SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA . São Paulo
1980 . III SALÃO NACIONAL. FUNARTE . Rio de Janeiro, RJ
1980 . III SALÃO NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS . Museu Nacional de Belas Artes, RJ
1980 . III MOSTRA DE GRAVURA . Casa da Gravura Solar do Barão, Curitiba, PR
1980 . DESENHO JOVEM . Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo
1980 . VIII SALÃO NACIONAL DO CEARÁ . Fortaleza, CE
1979 . ARTE FANTÁSTICA . Paço das Artes, São Paulo
1979 . SALÃO DE ABRIL . Fortaleza, CE

COLEÇÕES | *COLLECTIONS*

Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Fortaleza, CE
Coleção Gilberto Chateaubrian, Rio de Janeiro, RJ
Coleção Patrícia Cisneiros, Caracas, Venezuela
Biblioteca Nacional de Paris, França
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, RJ
Masp, São Paulo, SP
Museu de Arte Brasileira, Faap, São Paulo
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo
Mac, Recife, PE
Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP
Mac/Ufc, Fortaleza, CE
Mac, Curitiba, PR
Instituto Cultural Itaú, São Paulo, SP
Casa da Gravura, Fundação Nacional, Curitiba, PR
Museu da Gravura da Cidade de Curitiba, PR
Metrô de São Paulo, Estação República

agradecimentos do artista
*assistente **dario felicissimo***
*currículo e biografia **aida cordeiro***